

ETNOTEXTOS*

*Jean-Claude Bouvier**

Os etnotextos têm aproximadamente vinte anos – o que parece ser idade suficiente para justificar não um balanço mas, mais modestamente, um olhar retrospectivo sobre essa aventura de pesquisa e, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre o futuro em uma perspectiva deliberadamente prospectiva. Justamente no momento em que nosso Grupo de Pesquisa aproxima-se do fim de seu trabalho, após ter assumido corajosamente a sucessão do GRECO e da RCP, que os mais antigos dentre nós conheceram bem, é útil medir o caminho percorrido, avaliar os avanços e lacunas, bem como indicar novos rumos em todas as frentes da dialetologia francesa e não somente dos atlas lingüísticos e, portanto, particularmente os relativos aos etnotextos. Primeiramente, parece necessário que se faça um breve histórico.

1. Histórico

É nos anos 1974-75 que uma convergência entre os representantes de três disciplinas manifesta-se – dialetologia, etnologia e história – sobre o terreno do oral, o que será decisivo para a emergência dessa pesquisa. É verdade que a pesquisa oral era há muito tempo familiar aos estudiosos da dialetologia e aos etnólogos, ou seja, desde os primórdios da disciplina, ao passo que os historiadores a estavam descobrindo, pelo menos na França, onde a história oral começava a aparecer graças a trabalhos pioneiros de grande importância, enquanto que no outro lado do Atlântico e mesmo do Canal da Mancha, já estava bem implementada nas práticas universitárias (Joutard, 1983).

* Tradução de Norma Breda dos Santos.

** Professor titular da Universidade de Provence, França.

Textos de História, v. 5, n° 1 (1997): 69-81.

Mas o que era então novidade é que os pesquisadores vindos das três disciplinas davam-se conta de que tinham a preocupação comum de reconhecer a importância do oral – do discurso oral, mais precisamente –, como fonte de informação em si mesmo sobre o conteúdo e o funcionamento dos fenômenos culturais apreendidos pelas três disciplinas. Essa nova atitude relativamente ao oral, que podemos muito bem chamar de combate pela revalorização da cultura de expressão oral – já que eram muito fortes e ainda o são em certa medida, as resistências de certos meios científicos – tinham como consequência transformar o discurso oral em um objeto de pesquisa certamente não passível de isolamento dos outros suportes da cultura como a escrita, mas tendo a mesma legitimidade, a mesma dignidade, necessitando a mesma exigência de rigor científico e, sobretudo, trazendo sua originalidade e seu valor heurístico daquilo que parecia necessitar uma abordagem pluri- ou mesmo interdisciplinar.

O termo *etnotexto* é, assim, criado em 1975 – ou melhor, sem dúvida, recriado, já que parece que já havia sido utilizado em Toulouse nos anos anteriores para designar esse novo objeto, isto é, para dar um nome cômodo aos textos orais produzidos nos trabalhos de pesquisa, literárias ou não literárias, com uso de dialetos ou do francês, exprimindo, como dizíamos então, “o discurso que uma comunidade produz e mantém sobre si mesma”, sendo apreendidos em uma perspectiva interdisciplinar (Bouvier-Ravier, 1976; Bouvier et alii, 1980). Essa nova pesquisa foi oficialmente reconhecida pelo CNRS em 1977. Com efeito, foi em março de 1977 que o Comitê Científico do GRECO 130009 decidiu integrar a pesquisa sobre os etnotextos nas preocupações do GRECO, marcando concretamente esse alargamento do campo da pesquisa pela extensão do título da formação, que passou naquele ano de “*Atlas Linguistiques*” a “*Atlas Linguistiques, Parlers et Cultures des régions de France*”. Três considerações guiaram essa escolha:

a) Os etnotextos são, primeiramente, um meio de dar continuidade aos atlas lingüísticos, prolongando, de alguma maneira, o atlas de palavras por um atlas de textos e favorecendo, assim, muito particularmente, os estudos de sintaxe e até mesmo de entonação, que os atlas atuais só muito dificilmente permitem.

b) Os etnotextos oferecem aos estudiosos da dialetologia a possibilidade de melhor apreciar a dimensão cultural dos dados referentes aos dialetos recolhidos, ou seja, de “repens (ar) a dimensão etnográfica” dos Atlas (Pelen, 1992, 711), trazendo uma informação de caráter etnológico e até mesmo mais precisamente etnolingüístico abundante, o que permite melhor situar os fatos lingüísticos cartografados em seus contextos culturais.

c) Enfim, na medida em que os etnotextos misturam necessariamente os códigos lingüísticos e, conseqüentemente, não estão limitados à expressão dos dialetos dos franceses de hoje, eles têm vocação a se tornarem um vetor privilegiado das pesquisas sobre a consciência lingüística e igualmente sobre a natureza e o funcionamento da língua francesa regionalmente.

Em 1983, as pesquisas sobre os etnotextos oficializaram-se de forma mais clara. A arquitetura geral do GRECO 130009 - e, portanto, da pesquisa francesa sobre dialetos nos anos seguintes - é melhor definida e melhor estruturada. Quatro grandes campos são instituídos: Atlas Lingüísticos, Enotextos, Consciência Lingüística, Francês Regional. Uma coerência de conjunto e uma complementaridade real são afirmadas entre esses campos, estando bastante claro que a conclusão dos atlas é considerada, corretamente, como prioritária.

Em 1986, uma coleção de obras foi criada, associando o CNRS a um editor privado: a coleção *Parlers et cultures des régions de France*, que tem por objetivo valorizar essa modalidade de pesquisa, publicando os estudos fundamentados sobre a coleta e a análise de etnotextos e amplamente aberta à interdisciplinaridade. Até hoje, seis volumes foram publicados, cujos títulos serão abaixo citados.

2. Rápido balanço

Desde o começo dos anos 80, quando a pesquisa sobre os etnotextos teve realmente um grande desenvolvimento, muitas investigações e registros foram realizados na França, particularmente pelos estudiosos da dialetologia. Monografias, teses, publicações diversas foram produzidas, sendo impossível estabelecer aqui uma listagem

exaustiva desses trabalhos. Darei somente, muito rapidamente, alguns exemplos que me parecem ilustrativos das principais direções que tomou a pesquisa nos últimos quinze anos e as conseqüências que engendrou.

a. Monografias “globalizantes”

Em princípio, essas monografias eram privilegiadas na concepção inicial dos etnotextos que, é bom lembrar, visavam um “discurso global”, francês e em dialeto, literário e não-literário... que uma comunidade tem sobre sua própria cultura. Tais monografias não foram, contudo, muito numerosas. Cronologicamente, a primeira é certamente a que eu mesmo realizei, a título experimental, sobre o vilarejo alpino de Lus-la-Croix-Haute, *La mémoire partagée* (1980). Pouco depois, na região vizinha do Vercors, seguiu-se o trabalho de Jeannine Bauvois, *Le Vercors, un siècle, un hiver* (1982), predominantemente histórico, e na cidade de Lyon foi publicado o trabalho de Chantal Rittaud-Hutinet, *Mémoire vivante de la Croix-Rousse* (1982), com uma orientação mais lingüística. Na periferia próxima de Lyon, publicou-se uma análise da memória coletiva de um bairro de Vénissieux: *Parilly entre deux guerres*, de Florence Charpigny (1985). Convém incluir igualmente nesta categoria *Marius Champailler, paysan de Pélussin* (1986), outra produção *lyonnaise* na qual duas monografias, de fato, superpõem-se: a de um homem e a de uma comunidade.

Tratando de unidades territoriais maiores e mais complexas, vários trabalhos coletivos tiveram, na mesma ocasião, outra amplitude. Foi o que ocorreu com *Mémoire vivante – Dire et savoirs populaires* (1982), resultado de um trabalho de vários anos realizado no quadro de um “programa plurianual de desenvolvimento de pesquisas em ciências humanas na região Ródano-Alpes”, lançado pelo CNRS e pelo Conselho Regional. O que é ainda mais verdadeiro com relação ao *Le pays d’Arles par ses gens – Sentiments d’appartenance et référent d’identité* (1987), fruto de uma pesquisa de equipe, colocada sob a responsabilidade de J. N. Pelen, em resposta a uma oferta pública de compra da *Mission du Patrimoine Ethnologique* e que per-

mitiu, na minha opinião, avanços decisivos tanto no plano da teoria quanto no da metodologia dos etnotextos.

b. As abordagens temáticas

As abordagens temáticas têm, em diversos campos, atraído ainda mais os pesquisadores. Assim, seria demasiadamente cansativo considerá-las uma a uma. A literatura oral ocupa certamente o primeiro lugar de um ponto de vista simplesmente quantitativo, é claro. O *élan* inicial tendo sido dado pela tese de J. N. Pelen sobre *Le conte et la chanson populaires en Cévennes*, publicada em 1982-83, vários repertórios ou estudos de importância desigual apareceram nos anos seguintes, situando-se na mesma perspectiva etnotextual. Considerando apenas os trabalhos publicados, nota-se sobremaneira a participação de vários pesquisadores da equipe de etnotextos na coleção Gallimard *Récits et contes populaires: Jean-Noël e Nicole Pelen com relação a Cévennes*, Guy Mathieu relativamente à Provence (t. 2). Notemos ainda que dos seis livros da coleção *Parlers et cultures des régions de France*, anteriormente citada, quatro se referem à literatura oral:

- dois tratam da canção: *Chansons populaires d'Ardèche*, de Sylvette Béraud-Williams (1987) e *Traditions et chansons de Haute-Bretagne*, de Louisette Radioyès (1995);
- um trata do legendário mitológico: *Le récit mythologique en Haute Bigorre*, de Xavier Ravier (1986), e
- outro é o repertório narrativo de uma contadora: *Marie Nicolas, conteuse en Champsaur* (1990).

Entre os demais temas abordados pelas pesquisas sobre os etnotextos, podemos citar, por exemplo, o trabalho de Anne Vourc'h e Valentin Pelosse sobre a caça em Cévennes, publicado na mesma coleção (1988), e algumas teses de doutorado defendidas em Aix ou em Lyon, como as de Guy Mathieu sobre o tema da festa na Provence (1979), a de Pierre Chabert sobre a sociabilidade provençal dos círculos (1982 e 1990) ou ainda a tese de Florence Charpigny sobre a tecelagem de Lyon (1989), etc... A última dessas teses inicia-nos nas pesquisas que, com forte inspiração na problemática e nos métodos

dos etnotextos, inscrevem-se mais precisamente na perspectiva da história oral. Dessa forma, podemos citar um certo número de teses realizadas sob a direção de Philippe Joutard, tais como as de Anne Sportiello, sobre a memória coletiva da imigração italiana em Marselha (1983); a de Pierre Gaudin e Claire Reverchon, sobre o legendário histórico protestante no Drôme (1983); a de Nicole Jacquier-Roux-Thèvenet, sobre as regiões do Vaud francês (1986); a de Anne-Marie Granet, sobre as migrações dos habitantes do Queyras nos séculos XIX e XX (1990), etc. Como vemos, a imigração foi um tema privilegiado nas interrogações da memória coletiva do ponto de vista mais histórico. E é justamente nesse terreno que se situam as pesquisas feitas por Monique Rouch e sua equipe bordelesa que estudou a imigração italiana no Sudoeste (1989), seguindo também, de maneira bastante explícita, a abordagem dos etnotextos.

c. A migração dos etnotextos

O que é mais significativo, e talvez mais revelador da pertinência da empreitada ou, em todo caso, mais estimulante para seus promotores, é que o conceito de etnotexto e a palavra que o designa foram adotados nos últimos anos em vários países estrangeiros com o fim de promover pesquisas do mesmo tipo, muito particularmente em dialetologia.

Assim é que, no Brasil, na Universidade de João Pessoa, com o estímulo de Idelette Fonseca dos Santos, as pesquisas em literatura oral estão fortemente impregnadas das concepções científicas fundadoras dos etnotextos, enquanto que em Salvador foram estabelecidas sólidas bases no campo da história oral pelo importante trabalho de Tania Penido Monteiro, concluído na França, mas realizado no Brasil junto a uma comunidade de moradores de Itapuã, segundo os princípios dos etnotextos. Na Costa Rica, há pouco mais de um ano uma equipe interdisciplinar composta por um antropólogo, uma historiadora e uma lingüista foi constituída para observar e analisar a “memória histórica nacional”, em cooperação com professores e alunos de segundo grau, referindo-se explicitamente aos trabalhos dos etnotextos. Em Moscou, bastante recentemente, Tatiana Zagrianzkina ins-

pirou-se na experiência dos etnotextos em suas pesquisas sobre a dialetologia francesa e pretende agora ir mais longe, suscitando o interesse por uma pesquisa que levaria em conta os discursos sobre a Rússia, a ser realizada por russos e estrangeiros.

No entanto, do ponto de vista mais estrito da dialetologia, é certamente na Itália que os etnotextos têm sido mais favorecidos. Eles estão associados aos trabalhos de elaboração de atlas, em duas regiões geograficamente opostas:

– na Sicília, onde o projeto do novo *Atlante siciliano della cultura dialettale e dell'italiano regionale* dá grande espaço aos textos orais em duas de suas seções – etnodialectológica e sociovariacional;

– no Piemonte ocidental sobretudo, onde o *Atlante Linguistico del Piemonte Occidentale* (ALEPO), que está sendo realizado atualmente em Turim sob a direção de Tullio Telmon e Sabina Canobbio, refere-se muito explicitamente aos etnotextos em sua própria concepção. Com efeito, a meu conhecimento, é o primeiro atlas linguístico que pretende levar em conta esse tipo de pesquisa tanto na condução da pesquisa propriamente dita quanto na avaliação dos resultados contidos nos mapas (S. Canobbio, 1983).

3. Perspectivas para o futuro

a) O exemplo do ALEPO indica a via que pode ser seguida pelos novos atlas linguísticos: clássicos, como o de ALEPO, ou os mais inovadores, com o *Atlas Linguistique de la Corse*, de Marie-José Dalbera (cujo primeiro volume acaba de ser publicado pelo CNRS), o *Atlas Linguistique Basque* ou o da Sicília. O desenvolvimento de bancos de dados informatizados permite integrar mais facilmente os etnotextos ao trabalho, como o demonstrou M. J. Dalbera ao reunir e conservar no banco dados pontuais – textos escritos ou orais (etnotextos), imagens fixas ou animadas –, e, portanto, relacionar os etnotextos com outros elementos de informação.

Mas a pesquisa sobre etnotextos pode e deve também favorecer uma melhor exploração dos atlas já realizados, abrindo ou desen-

volvendo campos complementares que ampliam as perspectivas dos atlas. Não retomarei aqui tudo o que já foi dito sobre o tema no colóquio de Corte sobre os bancos de dados lingüísticos (Bouvier, 1995). Para resumir, contentar-me-ei em lembrar a dupla contribuição dos etnotextos aos atlas lingüísticos.

– Os etnotextos em dialeto, propriamente ditos, constituem uma base de documentação lingüística que considero necessária à boa utilização dos atlas. Eles permitem apreender, por exemplo, o léxico da situação do discurso e, evidentemente, são indispensáveis para o estudo dos fenômenos sintáticos e onde a entonação é mais relevante.

– Mas, sobretudo, tal qual são concebidos, em dialeto ou em francês, literários ou não literários..., os etnotextos são uma fonte de informação insubstituível para definir os contextos culturais nos quais inscreve-se o falar local. O que eles trazem, como já foi freqüentemente dito, são mais as representações da cultura que os fatos culturais. É, em um sentido importante do termo, um discurso sobre a cultura que há que se saber escutar, recolher e, em seguida, decodificar, analisar, criticar. Um discurso que tem sua coerência própria, sua legitimidade e que é para nós, portanto, do maior interesse, já que exprime uma cultura vivida ou, mais precisamente, um feixe cultural multiforme vivido podendo ser apostado legitimamente à linguagem recolhida, dando-lhe, em todo o caso, sua veracidade humana.

b) Os etnotextos devem, portanto, estar associados a outras preocupações atuais dos estudiosos da dialetologia. O estudo do discurso oral, segundo os princípios e métodos definidos, traz, em minha opinião, uma contribuição decisiva aos dois outros campos abertos pelo GDR no prolongamento dos atlas lingüísticos e o francês regional.

A análise dos fenômenos da consciência lingüística e, mais particularmente, das atitudes atuais sobre a relação entre a língua nacional, línguas ditas “regionais” e os falados locais, deve ser realizada a partir de pesquisas específicas, como se faz há vários anos para a França como um todo. No entanto, tendo em vista que o discurso oral etnotextual é por sua própria natureza produtor de identidade, ou pelo menos, de busca de identidade, ele tem vocação a ser a base de ques-

tionamento sobre a consciência lingüística, mesmo que de uma maneira implícita (sobre estas questões, ver particularmente as atas do colóquio *Les Français et leurs langues*, 1990). Desta forma, esse discurso oral *identitário* pode ser confrontado às práticas lingüísticas reais, como podemos observar. É dessa forma que começa a se desenvolver atualmente na Provence, num prolongamento de um trabalho realizado em *Languedoc-Roussillon*, uma grande pesquisa sobre a prática da *langue d'oc na Provence*, consistindo em relacionar as representações que os provençais fazem de sua prática do provençal através do discurso oral com a realidade dessas práticas apreendidas por meio de testes de competência lingüística.

Os estudos sobre o francês regional, realizados notadamente no âmbito de uma cooperação frutífera entre o GDR 09 e o Institut National de la Langue Française (INALF), são essencialmente feitos sob a forma de inventários léxicos que têm por objetivo recolher o máximo de dados em áreas determinadas. Claro está que esses dados têm uma vitalidade e uma freqüência de uso extremamente variáveis. É evidente que uma coleta de etnotextos em francês nos mesmos locais seria inoperante para obter resultados comparáveis aos que foram publicados nos últimos anos nos dicionários, glossários e diversos estudos ou, pelo menos, seria necessário um número considerável de registros e um tempo longo de pesquisa e exame minucioso que acabariam com a melhor das boas vontades... Só nos resta o estudo do discurso oral constitutivo dos etnotextos, que pode ser muito útil para ocupar o lugar e a função dos traços regionais do francês falado hoje em dia, particularmente para estabelecer uma distinção entre os aspectos conscientes e inconscientes dos regionalismos.

c) Finalmente, os etnotextos podem contribuir para o sucesso dos novos trabalhos que se esboçam na França e no exterior. Como bem o demonstram os projetos atuais relativos ao Atlas da Sicília, referidos acima, ou ainda o Atlas de Castela e da Mancha, na Espanha, a dialetologia atualmente orienta-se cada vez mais para o estudo da diversidade e da complexidade das práticas lingüísticas contemporâneas no meio urbano e rural. Fundada a partir da consideração da multiplicidade dos códigos lingüístico, bem como das posições de enunciação na produção do discurso *identitário*, a pesquisa sobre os

etnotextos convém muito particularmente quando se tenta apreciar, num quadro interdisciplinar, o lugar e a função do elemento de dialeto no conjunto das formas da comunicação hoje em dia.

Talvez a pesquisa sobre os etnotextos não tenha, pelo menos ainda, concretizado todas as esperanças que despertou. É difícil de conviver com a interdisciplinaridade, que é um de seus princípios essenciais. As publicações não foram talvez suficientemente numerosas, as redes de pesquisadores foram difíceis de se constituir no conjunto do território francês coberto pelos atlas lingüísticos e, dessa forma, o trabalho foi organizado, na realidade, somente em torno de alguns pólos geográficos – o que, no fundo, parece ser normal e salutar... Mas, como vimos, essa pesquisa dispersou-se também no exterior e evoluiu nos seus fundamentos teóricos e em suas áreas de aplicação (Pelen, 1992), acompanhando, de alguma maneira, as próprias evoluções da dialetologia européia nos últimos quinze anos, o que é um sinal incontestável de vitalidade. Parece-me que nos dias atuais ela é mais indispensável que nunca, a fim de permitir à dialetologia renovar-se profundamente e, ao mesmo tempo, continuar fiel a seus princípios fundadores, sobretudo para permitir-lhe participar plenamente da reflexão sobre os problemas que a variação lingüística contemporânea coloca por meio de seus componentes lingüísticos, sociais e culturais. Vislumbramos um belo desafio para a nossa disciplina no limiar do século XXI.

Referências bibliográficas

- BAUVOIS, *Le Vercors, un siècle...un hiver*, Commune de Villard-de-Lans, Parc régional du Vercors, 1982.
- S. BERAUD-WILLIAMS, *Chansons populaires d'Ardèche*, CNRS-Edisud, 1987, 296 p.
- J. C. BOUVIER, *La mémoire partagée – Lus-la-Croix-Haute (Drôme)*, Numéro spécial de la revue *Le Monde Alpin et Rhodanien*, Grenoble, n° 3-4, 1980, 322 p.
- C. BOUVIER, H. P. BREMONDY, Ph. JOUTARD, G. MATHIEU, J. N. PELEN, *Tradition orale et identité culturelle – Problèmes et méthodes*, Paris, C.N.R.S., 1980, 136 p.
- C. BOUVIER e X. RAVIER, "Projet de recherche interdisciplinaire sur les ethnotextes du Sud de la France", In: *Le monde Alpin et Rodhasien*, Grenoble, n° 1-2, 1976, p. 207-212.
- CANOBBIO, "Testi dialettali ed etnotesti nell'Atlante linguistico ed etnografico del Piemonte occidentale: appunti per una classificazione", In: T. TELMON e S. CANOBBIO, *Atlante linguistico ed etnografico del Piemonte occidentale: materiali saggi 1984*, Torino, Regione Piemonte, 1985, p. 207-343.
- CHABERT, *Les cercles en Provence. Discours sur la réalité – Essai d'ethnolinguistique*, tese de doutorado, Université de Provence, 1990.
- FI. CHARPIGNY, *Tisser son passé. Approche théorique et méthodologique d'un corpus d'ethnotextes*, tese de doutorado, Université Lumière de Lyon 2, 1989.
- CHARPIGNY, A-M. GRENOUILLER, J. B. MARTIN, *Marius Champailier, paysan de Pélussin*, CNRS-Edisud, 1986, 281 p.
- Comprar un prà – Des paysans italiens disent l'émigration (1920-1960)*, textes réunis et commentés par Catherine BRISOU, Carmela MALTONE, Monique ROUCH, sous la direction de Monique ROUCH, Bordeaux, Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, 1989.
- GAUDIN, CL. REVERCHON, *Entre la mémoire et l'imaginaire en pays drômois. Le légendaire historique protestant. Déc. 1851: souvenir et interprétations d'un événement*, tese de doutorado, Université de Provence, 1983.
- M. GRANET-ABISSET, *La route reinventée – Les migrations des Queyrassins aux XIX et XXe siècles*, Grenoble, Presses universitaires de Grenoble, 1994.
- JACQUIER-ROUX-THEVENET, *De l'histoire à la légende: les régions vaudoises françaises*, tese de doutorado, Université de Provence, 1986, 2 tomos.
- Ph. JOUTARD, *La légende des Camisards, une sensibilité du passé*, Paris, Gallimard, 1977, 439 p.
- Ph. JOUTARD, *Ces voix qui nous viennent du passé*, Paris, Hachette, 1983, 268 p.

- Le pays d'Arles par ses gens – Sentiments d'appartenance et référents d'identités*, sous la direction de J. N. PELEN, Arles, Paris, CREHOP, Parc naurel régional de Camargue, Mission du Patrimoine ethnologique du Ministère de la Culture, 1987, relatório datilografado, XXV-307 p.
- Les Français et leurs langues*, Actes du colloque de Montpellier, septembre 1988, édités par J. C. BOUVIER e Cl. MARTEL, Aix-en-Provence, Publications de l'Université de Provence, 1991, 550 p.
- MARIOTTI, *Marie Nicolas, conteuse en Champsaur*, CNRS-Edisud, 1990, 231 p.
- MATHIEU, *Le discours sur la fête en Provence* tese de doutorado, Université de Provence, 1979.
- MATHIEU, *Récits et contes populaires de Provence /2*, Paris, Gallimard, 1979.
- Mémoire vivante, Dires e savoirs populaires*, CNRS – Etablissement Public Régional Rhône-Alpes, Association des amis de la Bibliothèque municipale de Lyon, 1982.
- Mémoires villageoises d'un quartier de Vénissieux... Parilly entre deux guerres*, recueillies et présentées par Florence CHARPIGNY, Vénissieux, Centre culturel communal Boris Vian, 1985, 152 p.
- N. PELEN, *Le conte et la chanson populaires en Cévennes.*, In: *Le Temps Cévenol*, tomo III, vol. 1: *Histoire d'une recherche, la chanson*, p. 1-468, vol. 2; *Le conte et l'anecdote*, p. 469-848, Nîmes, Sedilan, 1982 e 1983.
- N. PELEN, "La recherche sur les ethnotextes, notes sur un cheminement", dans *Actes du congrès international de dialectologie*, Iker 7, Bilbao, Académie de la langue basque, 1922, p. 709-726.
- N. e N. PELEN, *Récits et contes populaires des Cévennes /1*, Paris, Gallimard, 1978.
- Percorsi di geografia linguistica – Idee per un atlante della cultura dialettale e dell'italiano regionale*, a cura di RUFFINO, Centro di studi filologici e linguistici siciliano, Istituto di filosofia e linguistica, Facoltà di Lettere e Filosofia, Palermo, 1995.
- PENIDO MONTEIRO, *La voix d'Itapuã: images du passé et vision du changement – Ethnotextes d'un réseau de culture populaire dans l'Etat de Bahia, Brésil*, tese de doutorado, Université de Provence, 1993, 3 volumes.
- RADIOYES, *Traditions et chansons de Haute-Bretagne – Le répertoire de Saint-Congard et ses environs 1962-1970*, CNRS-Edisud, 1995, 286 p.
- X. RAVIER, *Le récit mythologique en Haute-Bigorre*, CNRS-Edisud, 1986, 310 p.
- Ch. RITTAUD-HUTINET, *Mémoire vivante de la Croix-Rousse*, CNRS, 1982, 175 p.
- SPORTIELLO, *La mémoire collective d'une immigration: le cas des pêcheurs napolitains du Vieux-Port de Marseille*, tese de doutorado, Université de Provence, 1983.
- VOURC'H e V. PELOSSE, *Chasser en Cévennes – Un jeu avec 'animal'*, CNRS-Edisud, 1988, 301 p.

Abstract

The purpose of this study is to assess research on *ethnotextes* in the framework of a CNRS laboratory in France, which includes all the dialectologists of the country. Resulting from a convergence between anthropologists, dialectologists, and historians who had together the same intention and overall as na information on the running of popular cultures, this research on *ethnotextes* has given some various productions – global monographs on localities, thematic studies on oral literature or oral history, which had in common the aim of studying internal representations of cultures whose oral discourse is the support and comparing these representations with external sources of information. Being necessary for a good exploitation of linguistic and ethnographic atlases, *ethnotextes* may also enable dialectologists to take on better new tasks of their speciality. Because it is founded on the multiplicity of linguistic codes and statement positions, this research would favour the study of diversity and complexity of today's practice of language.

Palavras-chave

História oral, etnotextos, linguagem.